

UM ESTRANHO NO POÇO DE JACÓ: REFLEXÕES SOBRE JOÃO 4 A PARTIR D'O INQUIETANTE, DE SIGMUND FREUD✓

315

Mariana Aparecida VENÂNCIO¹
Maria Inês de Castro MILLEN²

✓ Artigo recebido em 31 de março de 2017 e aprovado em 01 de maio de 2017.

¹ Mestranda em Letras pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). Bacharel em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). E-mail: <marianaavenancio@gmail.com>

² Graduada em Medicina pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Graduada em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Doutora em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professora titular do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). E-mail: <mariainesmillen@pucminas.cesjf.br>

UM ESTRANHO NO POÇO DE
JACÓ:
REFLEXÕES SOBRE JOÃO 4 A
PARTIR D'O INQUIETANTE, DE
SIGMUND FREUD

RESUMO

O conceito de *unheimlich* analisado por Sigmund Freud em sua obra **O inquietante** (1919) tem sido estudado por acadêmicos de diversas áreas. Seus efeitos podem ser notados por detrás dos mais diversos enredos literários, uma vez que aparecem no cotidiano de homens e mulheres que protagonizam histórias reais. Na consideração de que a **Bíblia** é Literatura, este estudo pretende apresentar uma releitura, sob o viés do estranhamento como caracterizado por Freud, de uma de suas mais famosas narrativas, presente no quarto capítulo do **Evangelho de João**, que narra o encontro de Jesus com a mulher samaritana no poço de Jacó. Sem a pretensão de fazer uma exegese minuciosa do texto ou de analisar com profundidade o conceito psicanalítico do inquietante, este estudo pretende apenas ser um exemplo de como conceitos provenientes de áreas tão diversas podem lançar luzes sobre uma compreensão das narrativas bíblicas, que, sendo essencialmente nova, não deixa de revelar suas motivações mais antigas.

Palavras-chave: O inquietante. Unheimlich. Bíblia. Evangelho de João.

A STRANGER IN THE JACO'S
WELL:
REFLECTIONS ABOUT JOHN 4
FROM THE STRANGE, SIGMUND
FREUD

ABSTRACT

The concept of *unheimlich* analyzed by Sigmund Freud in his work **The uncanny** (1919) has been studied by academics of diverse areas. Its effects, however, can be noticed in the most diverse literary entanglements, since they appear in the daily life of men and women who carry out real histories. Considering that the **Bible** as Literature, this study intends to present a re-reading, using the concept of Freud's uncanniness, in one of its most famous narratives, present in the fourth chapter of the **Gospel of John**, which narrates Jesus' meeting with Samaritan woman at Jacob's Well. Without pretending to make a thorough exegesis of the text or to analyze in depth the psychoanalytic concept of the uncanny, this study intends only to be an example of how concepts from such diverse areas can throw light on an understanding of the Biblical narratives, which, being essentially new, does not fail to reveal its earliest motivations.

Keywords: The uncanny. Unheimlich. Bible. Gospel of John.

1 INTRODUÇÃO

O estudo que iniciamos com estes breves parágrafos é resultado das reflexões originadas no Grupo de Pesquisa **Hospitalidade, Alteridade e Feminino**: uma transposição de soleiras, coordenado pelo Prof. Dr. Altamir Celio de Andrade e vinculado ao programa de Mestrado em Letras do CES/JF. Uma comunicação a este respeito foi também apresentada no II Seminário de Pesquisa e Extensão do CES/JF, no segundo semestre de 2016.

O objetivo destas reflexões iniciais é aplicar a um já bem conhecido texto do **Evangelho de João** um conceito explorado por Sigmund Freud (1856-1939), a saber, a noção de *unheimlich*, traduzida para a língua portuguesa como estranho ou inquietante. O avanço na leitura e na hermenêutica dos textos joaninos faz perceber, de modo gradativo, o grande número de recursos e convenções recuperados pelo autor a fim de recontar, num olhar teológico mais amadurecido do que aquele que sustenta os **Evangelhos Sinópticos**, a vida de Jesus. Igualmente numerosos são os enfoques e ângulos sob os quais é possível aproximar-se dos textos bíblicos do **Quarto Evangelho**, percebendo respostas e questões que recaem sobre os leitores atuais, legitimando a **Bíblia** como palavra tão antiga e tão nova.

A esperança que motiva a redação destas reflexões introdutórias não está em esgotar as possibilidades hermenêuticas para o texto bíblico selecionado. Antes, é uma forma de acenar para algumas questões que, numa leitura corriqueira, têm sido deixadas de lado e necessitam ser despertas. Além disso, o estudo é um exemplo de quão frutuosa pode ser a contribuição de outros saberes humanos para a exegese bíblica.

2 SOBRE A ATUAL LEITURA BÍBLICA

Muitos anos separam os leitores atuais dos escritores daqueles pequenos fragmentos que, mais tarde, viriam a se tornar partes maiores do conjunto ao qual hoje chamamos **Bíblia**. No espaço temporal delimitado por suas existências, está situada a atuação de compiladores que reuniram e deram nova forma àqueles escritos isolados que circulavam como pequenos folhetos ou como breves livretos produzidos de modo independente, a fim de servirem como norte para o caminho espiritual de comunidades nascentes. Desde então, muitos conhecimentos surgiram como novos, muitas tradições foram remodeladas e muitos traços culturais, antes tão comuns, tornaram-se desconhecidos. No mesmo recorte de tempo, viveram ainda, incontáveis homens e

mulheres que sobre o texto pousaram seus olhos, na expectativa de depreender deles seu sentido original.

Na empreitada hermenêutica dos textos bíblicos muitos foram os pressupostos utilizados por leitores de diversas épocas a fim de chegar à compreensão de suas linhas. Não é objetivo do estudo registrado por estas letras discutir seu sucesso ou seus equívocos, mas apenas reconhecer que tais caminhos, cada um a seu modo, conduziram a exegese bíblica a um movimento que ainda pode ser considerado novo e que parte, antes de mais nada, do reconhecimento de que os textos bíblicos são literatura. Uma literatura muito particular, sobre a qual deve-se falar com cuidado, mas que não deve ser lida fora deste horizonte. O esforço por encontrar na **Bíblia** respostas a perguntas que seus autores não elaboraram garantiu, por muito tempo, uma interpretação equivocada e distante da verdadeira mensagem escondida naqueles textos, que ultrapassam limites religiosos ou legalistas, mas conhecem apenas a fronteira do amor.

Um obstáculo na leitura e na hermenêutica da **Bíblia** como literatura nos dias atuais talvez seja, conforme defende Robert Alter em seu clássico **A arte da narrativa bíblica** (2007), que “uma das principais dificuldades com que nós, leitores modernos, esbarramos para ver com nitidez a dimensão artística da narrativa bíblica é justamente o fato de que perdemos as chaves das convenções que a enformam” (ALTER, 2007, p. 79). Na verdade, é necessário buscar novos recursos que possibilitem a compreensão das convenções antigas e, ao mesmo tempo, lancem luzes sobre as possibilidades novas de diálogo com o texto. Em outras palavras, queremos sugerir que, tão importante quanto recuperar o contexto antigo para entender a mensagem antiga, é fazer uma leitura nova, para que a mensagem se torne nova, sem considerar que tais movimentos sejam excludentes entre si. Entendemos que tal esforço possa levar cada leitor e leitora a compreender que a conversão da mensagem antiga em nova não implica mudança em sua essência, mas apenas um modo diferente de sustentar as mesmas verdades que sempre foram reconhecidas como essenciais para o saudável relacionamento consigo, com o outro, com a natureza, e, por conseguinte, com Deus.

O comentário tecido nas seções seguintes resulta do esforço para exemplificar como estudos e resultados de nosso tempo podem auxiliar no movimento de aproximação à mensagem antiga da **Bíblia**, que se converte em nova. Na verdade, o esforço aqui representado é o de alcançar um novo ângulo, que permita enxergar com melhor clareza o sentido primeiro do texto bíblico.

3 O INQUIETANTE

Talvez bem longe de imaginar que um dia seus resultados seriam utilizados num estudo como o que agora se apresenta, Sigmund Freud elaborou, em 1919, uma obra intitulada **O inquietante**. Suas considerações, presentes neste como em outros livros, vêm sendo utilizadas desde muito tempo como base para a compreensão do ser humano, de suas motivações e de suas expectativas. É verdade também que muito têm ajudado a literatura a compreender a construção de personagens, sua aproximação com a realidade humana e sua identificação com os principais dilemas que interpelam homens e mulheres. Neste estudo, pretende-se tomar as investigações da obra citada a fim de compreender melhor o enredo e os personagens na narrativa bíblica de Jo 4,1-42.

A primeira parte da obra freudiana em questão é dedicada a refletir a respeito do significado de *unheimlich*. É claro em suas considerações que o termo, traduzido como estranho ou inquietante, seja o oposto de *heimlich*, o que é familiar e conhecido. Assim, o estranho para Freud é exatamente o que não é familiar, o desconhecido.

Avançando em suas considerações, Freud procura estender a simples compreensão do estranho como o que não é familiar. Após uma análise da recorrência do termo em dicionários e em outras literaturas, chega à importante elaboração:

Primeiro, se a teoria psicanalítica está correta ao dizer que todo afeto de um impulso emocional, não importando sua espécie, é transformado em angústia pela repressão, tem de haver um grupo, entre os casos angustiantes, em que se pode mostrar que o elemento angustiante é algo reprimido que retorna. Tal espécie de coisa angustiante seria justamente o inquietante [...]. Segundo, se tal for realmente a natureza secreta do inquietante, compreendemos que o uso da linguagem faça o *heimlich* converter-se no seu oposto, o *unheimlich*, **pois esse *unheimlich* não é realmente algo novo ou alheio, mas algo há muito familiar** à psique, que apenas mediante o processo de repressão alheou-se dela (FREUD, 2010, p. 360, grifo nosso).

Assim, interessa-nos, neste estudo, a compreensão de que o inquietante é algo que antes era familiar e conhecido, mas por algum motivo, tornou-se estranho.

É evidente que Freud não permaneceu na compreensão do termo, mas buscou definir as motivações que permitem que o efeito do estranhamento surja, ao acontecer a conversão do que é familiar em algo inquietante. Além do fator da repressão já citado, o autor afirma:

O efeito inquietante é fácil e frequentemente atingido quando a fronteira entre fantasia e realidade é apagada, quando nos vem ao encontro algo real que até então víamos como fantástico, quando um símbolo toma a função e o significado plenos do simbolizado, e assim por diante (FREUD, 2010, p. 364).

Por isso, o efeito inquietante frequentemente aparece em círculos de manifestações de magia e misticismo, uma vez que lidam diretamente com algo que é fantástico e apresenta-se real.

Nesta direção, muito importa aos textos bíblicos a definição de *unheimlich* como o que era familiar e tornou-se desconhecido, uma vez que faz lembrar, de imediato, algo que é basilar na tradição judaica. Os profetas denunciaram a transgressão da Aliança com YHWH utilizando a imagem de um compromisso matrimonial à beira do rompimento. Na verdade, o que eles quiseram mostrar é que, ao povo, tratado com honras de esposa, o Deus tão conhecido e antes familiar, havia se tornado um estranho. A restauração da Aliança, segundo Jeremias, dar-se-ia mediante o conhecimento e a proximidade a Deus: “Selarei com eles uma aliança eterna, pela qual eu não deixarei de segui-los para fazer-lhes o bem: colocarei o meu temor em seu coração para que não se afastem mais de mim” (Jr 32,40). Há outro lugar na **Bíblia**, talvez ainda mais interessante à tradição cristã, no qual figura o tema do conhecimento como pressuposto para a restauração da Aliança, e este lugar é exatamente a narrativa do quarto capítulo do **Evangelho de João**. Nesta narrativa, a motivação principal para que o efeito do inquietante seja atingido também condiz com a elaboração freudiana do familiar que se torna estranho e precisa ser [re]conhecido.

4 JO 4 COMO UMA NARRATIVA MATRIMONIAL

Antes de passarmos à leitura do viés de estranhamento presente na narrativa joanina do encontro entre Jesus e a mulher Samaritana, faz-se necessário uma pequena interrupção a fim de explicar porque associamos esta narrativa ao tema da Aliança.

Como afirmara Robert Alter em sua já referida obra, a **Bíblia Hebraica** é repleta de recursos literários que, com frequência, escapam aos olhos dos leitores mais atentos. A percepção da presença dessas convenções, no entanto, faz com que seu horizonte hermenêutico se amplie, e sejam revelados sentidos até então ocultos. Uma das convenções apontadas pelo autor é o da cena padrão. Os antigos escritores hebreus encontraram formas semelhantes de construir narrativas para diversas situações, de modo que pequenos detalhes se tornavam recorrentes em um conjunto de histórias que tratavam

de um tema comum. Em outras palavras, havia um roteiro preestabelecido, que moldava o modo de narrar as histórias escritas ou contadas, que sinalizavam para os leitores/ouvintes o tema central da história e, mais que isso, associava entre si os personagens envolvidos nesse padrão narrativo.

Uma particular forma de cena padrão é a de casamento. Os matrimônios de grandes heróis veterotestamentários são narrados de modo bem semelhante nas narrativas de Gn 24,1-67 (Rebeca e Isaac), Gn 29,1-14 (Raquel e Jacó) e Ex 2,15b-22 (Séfora e Moisés). As três narrativas narram a chegada do noivo em terra estrangeira e sua parada junto a um poço. O encontro com a noiva se dá naquele ambiente, quando ela chega a fim de retirar água e um dos dois pede de beber ao outro. A cena continua, com a pressa da mulher em voltar à sua casa e anunciar a chegada do estrangeiro. Hospedado na casa, os noivos, diante dos familiares da noiva, selam o compromisso matrimonial em um banquete.

O padrão narrativo faz recordar o enredo que aparece na narrativa joanina do encontro de Jesus com a mulher Samaritana. Viajando da Judéia à Galiléia, Jesus é estrangeiro na cidade da Samaria e para junto ao poço de Jacó, cansado da viagem. A Samaritana chega, ainda que em horário incomum, e Jesus pede de beber. Após o longo diálogo entre os dois, a mulher corre à sua comunidade, dando notícias do encontro. Crentes na palavra da mulher, os samaritanos convidam Jesus para permanecer, e ele fica hospedado com eles por dois dias. Além disso, aparece na narrativa o tema do banquete, quando Jesus afirma ser seu alimento o cumprimento da vontade do Senhor.

Diante da aproximação literária entre os referidos textos do Pentateuco e o do **Evangelho de João**, é inegável a afirmação de que a narrativa joanina não descreve um encontro histórico, mas antes, cria uma alegoria para discutir outra temática a respeito da vida de Jesus. Nossa proposta é entender a circunstância criada pelo autor do **Quarto Evangelho** não como a sugestão de um casamento convencional entre Jesus e a Samaritana, mas sim, entendê-la como a imagem de uma aliança estabelecida, num primeiro plano, entre os dois, mas de modo mais significativo, entre Jesus e a comunidade da Samaria.

É a partir desse viés que procuramos entender o efeito inquietante descrito por Freud em Jo 4,1-42. A questão que se apresenta poderia ser formulada da seguinte forma: tendo em vista que a narrativa trata do tema da Aliança, de que modo a compreensão de *unheimlich* e de seus efeitos no texto faz-nos entender melhor a dinâmica de sua composição?

5 UM ESTRANHO NO POÇO DE JACÓ

A primeira aproximação que propomos neste estudo é pelo viés do estranhamento que envolve o diálogo estabelecido entre os personagens da narrativa de Jo 4,1-42. Em seu encontro, Jesus e a Samaritana pronunciam falas nas quais é possível entrever as causas e os efeitos do *unheimlich* descrito por Freud.

No relato joanino, é Jesus quem abre o diálogo, num simples pedido dirigido à mulher recém-chegada ao cenário principal: “Dá-me de beber” (v. 7). Sua fala é suficiente para causar o primeiro espanto à Samaritana, que responde, perturbada: “Como é que tu, sendo judeu, me pedes de beber a mim, que sou samaritana?” (v. 9). A resposta de Jesus não resolve seu dilema, e ela continua no estranhamento, sem saber de que modo poderia ele, sem um balde, retirar água do poço. Eis o primeiro ciclo de inquietações presentes no relato.

O segundo ciclo inicia-se com a fala que seja talvez a mais assustada dentre as proferidas pela Samaritana. Quando Jesus demonstra saber mais sobre sua vida do que o revelado por ela, a inquietação é tamanha que a leva a considerá-lo mesmo um profeta. À manifestação de sua ciência a respeito de seus seis falsos maridos, a mulher responde: “Senhor, vejo que és um profeta!”. Parece-nos que a partir deste ponto, a mulher inicia certa desconfiança sobre a verdadeira identidade de Jesus e insinua que sabe sobre a vinda de um Messias, até que ele revele diretamente que se trata dele mesmo.

O terceiro e mais tímido ciclo de estranhamentos é o protagonizado pelos discípulos. Chegam ao poço e admiram-se que Jesus falasse com aquela mulher, mas guardam suas dúvidas em silêncio. Quando Jesus recusa a comida, também inquietam-se, perguntando entre si: “Acaso alguém lhe terá trazido de comer?” (v. 33). Ao contrário do que acontece com a mulher Samaritana, parece que o relato se encerra sem que a inquietação dos discípulos tenha fim.

5.1 Motivações

Na construção do efeito provocado pelo *unheimlich* nas situações pontuadas, aparecem dois fatores destacados pelo estudo de Sigmund Freud. O primeiro deles é o fator da repressão. Jesus, sendo judeu, dirige a palavra a uma mulher específica de origem Samaritana. Seu diálogo é estabelecido num lugar reservado, fora da cidade, num horário em que ninguém desceria ao poço a fim de buscar água. Assim, estão sozinhos, numa conversa nada corriqueira, homem e mulher de localidades rivais.

Além disso, que é evidente numa primeira leitura, aparece como fator de repressão a condição dessa mulher Samaritana específica muito bem descrita por Elisa Esteves, em seu estudo **A mulher na tradição do discípulo amado** (1994). Segundo a autora,

a narração de João nos dá alguns dados. Trata-se de uma prostituta (4,18), quer dizer, uma mulher marginalizada pela sociedade de seu tempo em razão de sua condição de pecadora pública. Samaritana de nascimento (4,7) sofre uma nova discriminação em relação ao povo judeu por pertencer a um povo de hereges (4,9). Portanto, trata-se de uma mulher quatro vezes marginalizada: por sua condição de mulher, por sua forma de vida, pelo grupo cultural a que pertence e pela religião que professa (ESTEVEZ, 1994, p. 68).

323

Embora o consenso da exegese hoje aponte a imagem dos maridos falsos como uma referência aos ídolos introduzidos ao culto samaritano, conforme tradição descrita em 2Rs 17,24-41, a imagem da mulher samaritana na narrativa é exatamente esta, de alguém por tantos motivos abandonada à margem, e com quem o Messias não deveria falar.

Além do fator da repressão, no relato também se encontra o fator da magia, do oculto e do segredo. Como assinalava Freud, aquilo que deveria permanecer oculto, ao revelar-se, causa estranhamento. Assim acontece quando Jesus começa a mostrar-se Messias. A mulher conhecia o mistério no qual esse assunto envolvia-se, talvez de sua tradição religiosa. Ela não contava, porém, que esse homem, prometido da parte de Deus, que viria restaurar todas as coisas e revelar toda a verdade, um dia se apresentasse como um homem cheio de sede e cansado, diante dela, dependente dela. Além disso, ele adivinha verdades sobre sua vida conjugal, que ela não revelara no diálogo e que ele não teria como saber, se nem pertencente à comunidade samaritana ele era. Aqui há o mágico, o místico e o fantástico que de repente apresentam-se em alguém muito real e humano. É fator mais que suficiente para alcançar o efeito do estranhamento.

É imprescindível observar que, a partir da fala da Samaritana “sei que virá o Messias” (v. 25), fica claro que ela o conhecia, apenas não havia percebido que era Jesus. Provavelmente, apesar de sua marginalidade, a mulher estava inserida na religiosidade samaritana, que por assim dizer, era uma espécie de Judaísmo não ortodoxo. Conhecendo a doutrina sobre o Messias, pode-se considerar que ele lhe deveria ser familiar, pois há muito conhecido. É por intermédio dos citados fatores que se torna, no entanto, estranho e desconhecido.

5.2 O conhecimento

Se como já assinalamos neste estudo, lemos Jo 4,1-42 aguardando o estabelecimento de uma Aliança que segue a metáfora do matrimônio, é de se esperar que Jesus não deseje estabelecer uma Aliança com alguém que o considera um estranho, com alguém para quem seja inquietante. Se já compreendemos que o Messias era familiar à Samaritana e tornou-se desconhecido, agora é necessário apenas que ele se torne novamente conhecido. Em outras palavras, para que a Aliança possa ser estabelecida, é preciso que a Samaritana reconheça Jesus como o Messias.

Neste ponto recorda-se mais uma vez a teologia profética que afirmou ser necessário conhecer a Deus a fim de renovar a Aliança. Naqueles livros, embora com frequência fale-se em conhecimento, o que acontece é também o reconhecimento, uma vez que o povo outrora fora fiel ao Deus de Abraão, Isaac e Jacó, mas afastara-se dele pelo culto idolátrico a outros deuses. YHWH havia se tornado um estranho, mas a Aliança ainda não havia sido totalmente rompida. Sua restauração subentendia apenas o reconhecimento.

Na narrativa joanina em questão, é também este o movimento que Jesus propõe. Diante do primeiro estranhamento da mulher, ele adianta: “Se conhecesses o dom de Deus e quem é que te diz: ‘Dá-me de beber’, tu é que lhe pedirias e ele te daria água viva!” (v. 10). Vale lembrar que a água, no **Evangelho de João** é símbolo do Espírito, cujo dom é o pressuposto para o estabelecimento da Aliança. Ou seja: a segunda fala de Jesus no relato já adianta que o conhecimento dele implica no estabelecimento de uma Aliança, que não é selada apenas por uma ação divina, mas por vontade também de quem o reconheceu. É no segundo ciclo de inquietações que Jesus consegue fazer-se reconhecer pela mulher, quando, percebendo que ela quase alcança a compreensão total de sua pessoa, faz a revelação final, dizendo: “Sou eu, que falo contigo” (v. 26).

No terceiro ciclo de inquietações, aquele que envolve os discípulos, o tema do conhecimento também é retomado por Jesus. Ele diz: “Tenho para comer um alimento que não conheceis” (v. 32). Tal alimento, ainda estranho aos seguidores, não se torna conhecido no momento narrado, embora Jesus discorra sobre ele. Talvez por isso a narrativa se encerre sem que sua inquietação pareça resolvida. Talvez porque ela ainda os acompanhará num longo e duradouro caminho trilhado com Jesus, que nem à beira da cruz terá sido ainda de todo compreendido. De fato, a primeira Aliança é a firmada com a Samaritana, e através dela, com sua comunidade. A Aliança com a totalidade dos discípulos será selada bem mais tarde, porque subentende um caminho de reconhecimento que é toda a vida de Jesus, como narrada por João, em seus sinais e discursos.

O reconhecimento emblemático pronunciado pela comunidade dos discípulos é o que está situado na narrativa joanina do Pentecostes:

estando fechadas as portas onde se achavam os discípulos, por medo dos judeus, Jesus veio e, pondo-se no meio deles, lhes disse: 'A paz esteja convosco!'. Tendo dito isso, mostrou-lhes as mãos e o lado. Os discípulos, então, ficaram cheios de alegria por verem o Senhor (Jo 20,19-20).

Sem nenhuma surpresa, João narra dessa forma o estabelecimento definitivo da Aliança, quando os discípulos são capazes de, sozinhos, reconhecerem que o Jesus Ressuscitado, que mostra as mãos e o lado, é o mesmo que conviveu com eles, estendendo as mãos aos pobres e oferecendo o coração aos marginalizados. A promessa feita à mulher Samaritana – “e ele te daria água viva” (v. 10) – cumpre-se também nesta Aliança com a comunidade reunida, mediante o dom do Espírito: “Dizendo isso, soprou sobre eles e lhes disse: ‘Recebei o Espírito Santo’” (Jo 20,22).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há ainda um outro ciclo de inquietações que não comentamos na seção anterior, que é a gerada nos leitores que se debruçam com cuidado sobre o texto bíblico, em especial sobre este relato joanino, levando em consideração os apontamentos feitos neste estudo. O tema da Aliança alcançado mediante a utilização de um antigo recurso literário, o diálogo de Jesus com uma mulher quatro vezes marginalizada, sua escolha como discípula e a primazia de uma comunidade estrangeira na restauração da Aliança empreendida por Jesus, são detalhes com frequência suprimidos numa leitura que não esteja disposta a sair da acomodação para suportar a inquietação de se ler um Evangelho como o de João.

A recuperação da leitura que propomos neste estudo aliada à percepção dos efeitos de *unheimlich* como propostos por Freud confirmam a posição de Simian-Yofre ao afirmar que “quem estabelece uma aproximação com o texto bíblico a partir do ângulo apropriado está em condições de resolver não poucas dificuldades” (SIMIAN-YOFRE, 2015, p. 32). Ousamos, no entanto, ir além de sua afirmação: é importante estabelecer aproximações com o texto bíblico a partir de ângulos sempre novos, ainda inexplorados, não só para resolver problemas, mas para despertar inquietações saudáveis e necessárias.

Nossa leitura objetivou mostrar não só como é positiva uma nova abordagem do texto bíblico como uma literatura sobre a qual podem-se lançar olhares advindos das mais

diversas ciências, como também despertar a consciência para o que nos tem estranhado enquanto leitores. Se a inquietação resultante dessa leitura faz-nos perguntar o porquê da primazia de uma comunidade Samaritana na restauração da Aliança segundo João, é porque os samaritanos dos dias atuais ainda não têm o primeiro lugar. A primazia das ações e do amor ainda não tem sido dedicada aos pobres e marginalizados, aos oprimidos e abandonados. Ao lado do poço estão alguns poucos, com baldes nas mãos. A outra grande maioria clama com urgência: dá-me de beber!

REFERÊNCIAS

ALTER, Robert. **A arte da narrativa bíblica**. Tradução Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

ESTEVEZ, Elisa. A mulher na tradição do discípulo amado. **Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana**, Petrópolis, São Leopoldo, v. 17, n. 1, p. 65-74, 1994.

FREUD, Sigmund. O inquietante. In: _____. **História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”)**: além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 328-376.

SIMIAN-YOFRE, Horácio (Org.). **Metodologia do Antigo Testamento**. 3. ed. Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Edições Loyola, 2015. p. 131-157.